

Poemas de Paraty

Fingidor

Traço palavras sobre o amor
Contudo, é necessário escrever a rudeza
Vejo-a mesmo sem querê-la
Por isso a ortografo sem medo

A ponta dos meus dedos dança
quando o tema é o amor,
mas encrua-se quando a tese é a dor
Logo, retorno ao ardor da paixão de fingir

Sou poeta fingidor
como Pessoa quando diz que finge a dor
Todavia, quando falo de Maria,
são palavras verdadeiras de amor



Edimilson Ramos

Água sobre as pedras do rio

A água do mar a invadir o cais
É a chuva a cair demasiada
A enfeitar minha mente
Dona da mais bela miragem

Há pedregulhos ao fundo
Dos espelhos de bela moldura
E os peixes visitam as ruas
A embelezar o mundo que vejo

Reflete as estrelas de diversas grandezas
A que abrilhanta os meus dias
A que aquece os livretos da mesa
E a que cai a trazer coisas do acaso

E o chegar do vento lento
E a lua desfazem o cenário
Da mais bela pintura
A levar de volta a água do mar

O Mar e o Sol

As ondas a bater na pedra dourada
Desviam a procurar os seus pés
Que enterrados na areia da praia
Escondem-se do meu desejo

E se ao mar eu me apresentar
Posso a ele pedir licença
Para poder te visitar
Caso a ele você pertença

E tenho a certeza do sim
Pois a natureza é generosa
A jorrar águas em seu corpo
Para que eu possa te olhar

E a filmar os seus passos
A vir em minha direção
Levar-te-ei ao chão
Para o meu torso te tapar

E ao mar regraciar junto ao sol
Pelo sal e pelo fulgor
Que deixou sua pela morena
Quente e com gosto de amor

Minha Sereia

Nas ondas do mar da fazenda
Eu vejo um peixe surfar
E ao lado há um cardume
A aplaudir os seus segundos no ar

Que cena! Que cena!
A felicidade da acrobata
Que escapou das redes do pirata
Para instantes depois brilhar

A praia é como o oásis, deserta
E aparição como esta é incerta
Como o desfilar da minha sereia
Antes da areia molhada findar

Sereia do mar, ah! Ah! Ah!
Sereia do mar, ah! Ah! Ah!

Água do mar do Pontal

Água que bate nas pedras do Cais
A alojar os que a enfumaçara
A furar as redes que arrastam os crustáceos
Que forram a mesa dos caiçaras

Dissolve-se na areia da praia
Apaga pegadas trotadas
Dos tatuados atletas de saia
E não mata a minha sede

O vento comanda as ações
A deixá-la repousar
E quando outra vez a noite chegar
Haverá novas canções

É a água do mar do Pontal
A beijar os nossos pés
A emitir um som
A dar o tom do nosso sarau

Minha Formosa Cidade

Quando chego a ti
Repouso em seus braços
E te abraço, Paraty
Minha formosa cidade

Brotam-se chuvas de poemas
Com temas da lua, do sol
E das paisagens suas
Minha formosa cidade

Há nuvens brancas e cinzentas
A monocromatizar o céu
Que chora sobre o mar
Minha formosa cidade

É o doce da chuva cantada
Açucarando as águas
Que banham a ressacada
Minha formosa cidade

A noite é amena
E tu és o tema
Da poesia de Maria
Minha formosa cidade

Durante o meu Caminhar

Lugar que inspira o cantar
Onde aspiro a pureza do vento
E me incito a caminhar
Em passos lentos

Para que o tempo pare
E o lírico dos canários
Lubrifique os meus ouvidos
A beira do aquário do rio

Aonde os peixes acrobatas
Pedem-me uma salva de palmas
E minhas mãos levantadas
Agradecem à minha alma

Pela dádiva de Deus
Por poder assistir
Tal panorama
Nas águas doces de Paraty

Um Sonho

No entardecer, debaixo de um cajueiro
Alguns caramelados eu tomara
A minha destra o choro de uma gaita,
De uma flauta e de um pandeiro

Uma suave sensação de gosto
Misturada à visão do mar
Das miçangas e algas na areia,
Alegorias de uma sereia

Que dançava nas águas de Jabaquara
No compasso das ondas sonoras
Ora peixe, ora mulher
Uma miragem, uma quimera

Linda Demais

Eu e o sol a observar de uma só vez
Entre as frestas das folhagens
Um talhe a escorregar no lodo da pedra
A submergir no Poço do Inglês

Alguns segundos depois
Como a garota do fantástico
Ela, impulsionada pela força do rio
Exibia-se para nós dois

Desfilava entre as pedras
Até alcançar novamente o altar
Similar a uma tigresa
E ele a tateou com seus raios

Continuei oculto sem poder tocá-la
Mas gravei nas memórias
Toda a cena da morena
No palco de gelo da natureza

Aurora de Amor

O cheiro da mata molhada
Alia-se ao de sua pele
É o orvalho e o seu suor
A se encontrarem

E surge no ar
Um perfume peculiar
Que entranha dentro de mim
E só se desfaz se desatares

E se você se for de verdade
Nunca mais sentirei o odor
O aroma desta manhã
Uma aurora intensa de amor

Chuva de Flores

Se flores caírem sobre mim
Talvez seja um banho da sorte
Ou chegara a hora da morte
Pois houvera o começo ou o fim

Se for pétalas de girassol
É o desejo de rosas
Mas se for uma coroa de flores
É o remate do meu livro de prosas

Que sejam as flores do quintal
A cair sobre mim
Todo o fim de primavera
Do seu canteiro de jasmim

Sob a chuva de flores belas
Brancas, rosadas, amarelas
A que mais me aroma
É a flor jasmim do poeta

Minha Eterna Flor

A flor sorriu para mim
Perdida entre espinhos
E o seu repente anunciou
Uma mirada de amor

Ao tocar em suas pétalas
Com o côncavo de minhas mãos
A flor sorriu de novo
E acelerou meu coração

Transportei-a ao seu jardim
Banhado pelos raios do céu
E na metade do caminho, outro repente:
Em meus lábios, estames de mel

Permaneci atado
E quando acordei
Estava ao lado
Da flor que me apaixonei

Formosa

Tirei você do altar
Toquei na sua pele morena
Que era sempre o tema
Dos meus versos de amor

Foi a ruptura do exaltar apenas
Tempo do sofrer de dor
Quando não se podia tocar
Nas pétalas da amada flor

Dei formas a minha poesia
De beleza repleta
A buscar na mitologia
O teu comparar com Helena

A te endeusar ...

Morena

Acordo cedo e vejo o verde da mata
Olho no céu as andorinhas antecedendo o verão
Coreografando a mãe natureza
E anunciando uma nova estação

Uma andorinha entra em meu quarto
Convidando-me a participar
do ritual de dança dos pássaros
Que sincronizados bailam no ar

Inalo o perfume dos campos
Antes mesmo de me levantar
Na esperança de te encontrar

Pra dizer:
- Há! Se eu pudesse voar

Ofereceria uma de minhas asas
Para te levar ao mundo das aves
Que sobrevoam a mata e o mar
E que sintonizadas dançam no ar

Morena! Uma andorinha só não faz verão
Morena! Sozinha é a dona do meu coração

Por um triz

Quando tudo está por um triz
você me pede um beijo
e diz o quanto me ama
implorando mais um ensejo

Mais uma vez cedo a oportunidade
Saio da beira do pélagos
e adoço seus lindos lábios
na casa da beira do lago da cidade

E a sinestesia figura em mim
Sinto o paladar nos seus olhos
o gosto em sua pele
e vejo o seu murmúrio

Sempre haverá uma chance
De a gente perdoar a dor
Sempre haverá um lance
Pra gente apostar no amor

Arrepios

Esses seus cabelos lisos
Que alisa sua pele
Que alisa minhas mãos
Alicia o meu ego

Ao id me entrego
Sem nenhum pudor
e as pontas dos meus dedos
cafuna o seu talhe

Esses seus pelos lisos
Que alisa sua pele
Que alisa minhas mãos
Alicia o meu ego

Flores Vivas

No terceiro dia Deus criou as flores
Pois juntou as águas debaixo dos céus
E quando apareceu a porção seca Terra
Nasceram as primeiras sementes e ervas

Então o porquê do colher dessas flores?
se mortas na mão lixo serão
Se secas perderão suas cores
E os seus odores ficarão em vão

Pelos colibris são fontes beijadas
E também pelas águas entornadas
dos chafaris das praças, pela relva do campo
e pela ressacada da mata

O vendaval vespertino
que traz o temporal
não logra a morte do menino
e do floreio natural

São fortes, plantadas
Sem o pedúnculo incisivo
Não tecem, não fiam
Mas se vestem de linho

E quando o inverno passar
Aparecerão flores na Terra
Pois será o tempo de cantar
E se ouvirá dos pombos, o arrulhar

Meu Lírio

Eu escreveria todas as manhãs
uma alegoria de cotejos
do seu andar, do seu corpo,
da sua beleza, dos seus beijos

Eu te compararia a um lírio
entre as plantas espinhosas,
inspiração do rei Salomão
e do poeta enamorado

Em paráfrase diria:
“Como uma flor entre as farpas,
entre as mulheres é o meu amor”

Poesia concreta

Sou um arquiteto da poesia
de proposta de equações da arte
para que seja abolida a versificação
e que a linearidade se descarte

Destitui os versos em seu interior
Explorei ao máximos as possibilidades
que tenho de compor nos vazios
um poema silencioso

Expressei-me em forma de cubo
Aproveitei cada espaço
daquela folha em branco
e passo a passo desenhei o seu nome

uma imagem tácita
uma arte verbo visual
repeti o seu nome
em forma de espiral

Pescadora

A lua e o sol agitam o mar
A água doce entorna
Afeta a fase do meu sono
E não consigo voar em meu sonho

O vento balança o mastro
A água do mar que retorna
Acerta a minha cabeça
E penetro em um mundo estranho

Como um berço agitado nas águas
O meu barco de balança
E a tempestade lança-me o medo
Que passa quando chega o sossego

Graças a quem controla o meu cio
Que mostra a hora e todos os dias
Sobe e desce as marés
E me seduz à arte no rio

Ode a Paraty

Paraty, minha cidade
Eu fiz uma bela canção
Quando vi os pássaros no céu
E aquela mulher que a pintava

Parecia um espetáculo no ar
de coreografia improvisada
pelo balé de andorinhas
que convidava o verão

Escorreguei os cimos dos dedos
Nas cordas do meu violão
E transmiti para as aves acrobatas
O que dizia o meu coração

As nuvens conduziram a festa
E o quadro foi feito perfeito
Para eternizar a orquestra
Que encenava o amor para ti

Esta é a misura a ti
Na mistura dos dons
É a arte do meu som
Juntando-se as das mãos

As Cãs do Poeta

A cor do cabelo cobre o tempo
O sorriso é alvo como a neve
O riso soa entre o agudo e o grave
E o traje oculta a pele

Mas o andar sobre as pedras
Denuncia a idade do poeta
Sua sacola à tira colo
É farta de sabedoria

As letras compreendem
E penetram levemente
Na memória não volátil
Do eterno trovador

E a cada dia que se vá
Ele irá trotar pelas laudas vazias
E deixará rastros de tinta
Chamados “ Poesia”

Sonho de amor

Abro a porta entreaberta
E ouço o silêncio do sono
O meu cheiro te desperta
E adentro no seu sonho

Escuto miúdas palavras
Interjetivos sons
Ultrapasso os limites
Ao tocar no seu dom

E corto a sua noite nupciosa
Com a ausência de cuidado
Bastava a minha estada
E a paciência ao seu lado

Perdoe-me pelo descuido
Mas volto amanhã sem ruído
Pois quero ver o seu deleite

O Esperar

A minha estrada é uma trilha no oceano
Aonde o barco passeia a levando
Há uma ilha deserta e a sua presença é incerta
Como a chuva que rega o mar

Há tantos anos que eu te aguardo
Que imagino o desvio das águas de lá
É um sonho um dia vê-la chegar
Encharcada do relento das nuvens de cá

Haverá pingos de sal a escorrer
Na sua doce derma dos mares
Haverá uma figura postada de pé
A ser a imagem da minha estada nos gares

À espera da Morena de Paraty
A acenar e a pedir o perdão
Pela demora da sua chegada
Nos bastidores do meu coração

Beija-Flor

Beija Flor, que pairas no ar
de penas tufadas de toda cor
Colhe da mais linda flor o néctar
e colore o dia do meu Amor

De cores repletas como os meus amores
De visão acurada que apercebe flores
Uma força nas asas tão peculiar
como sua destreza ao se alimentar

Beija-flor, pássaro colorido,
quando voa lentamente para trás
observa o vergel florido
e deseja o sumo mais e mais

Beija-flor, ah se eu fosse como você
Buscaria a cada manhã
o suco da mais linda flor
para abastecer os lábios do meu Amor

Conte-me então qual é o segredo
das batidas do seu coração
Ensina-me a voar
e a extrair o mel da paixão

Apenas um sonho

Assentado à beira da cama
não há forças no peito
Há um choro de saudades
dos dias perfeitos

Acabou a história de amor
que era uma prosa encantada
Quebrou a promessa da flor
que era um conto de fada

Sem poder me levantar,
o meu corpo desaba
e impede que eu te procure
na beirada do cais

O barco partiu em silêncio,
foi para o mediterrâneo
ele jamais te reconduzirá
para o meu oceano

Porém, haverá a esperança
Se tudo isso for um sonho
Quando a noite passar
A brisa do mar te tocar

Você acordar ao meu lado
dotada de tanto prazer
e eu te tatear para ter o decerto
de que é mesmo você

Pássaro Poeta

Um galho seco entre os verdes
acolhe o pássaro canoro preto
que inicia uma melodia harmoniosa
como a prosa impúrpura do Caicó

O pássaro ouviu um dia a minha viola
e parodia as rimas de Chico
que outrora cantei ao som da vitrola
todos os dias do meu vagar

Adeus, pássaro compositor
Reproduzirei seu canto peculiar
por todos os cantos do mundo
e guardarei segredo do autor

Simplesmente lindas

Flores são simplesmente lindas
Não importa as suas cores
A forma de suas pétalas
Se fechadas ou abertas

É primavera
Fim da madrugada
Há flores perdidas no mato
E as colho molhadas

Belas flores anônimas
De odores mágicos
Enfático desejo de enviá-las
Aos seus cuidados

Flores

Por que o colher das flores
se mortas lixo serão
secas sem cores
odores em vão

Pelos colibris beijadas
Pelas águas entornadas
dos chafaris das praças,
no campo, na resssacada

O vendaval vespertino
que traz o temporal
não logra a morte
do floreio natural

São fortes, plantadas
Sem o pedúnculo inciso
Não tecem, não fiam
Mas se vestem de linho

A Passagem

Há pegadas de aves famintas
na areia do cais,
é manhã do dia derradeiro
e as sobreponho sem a vontade de viver

A trilha acaba e não posso voar
e sinto em meus pés a massagem do mar
É ele me convidando a entrar
para ouvir a sinfonia de seus frutos

O dia passa e um pedaço de terra
cercado por todos os lados
aguarda a hora para explodir
emoções em Paraty

Na metade da noite os raios colorem o céu,
seus estampidos assustam a fauna
e os mudos do champanhe adoçam os beijos
e o velho se vai

E o novo surge com o lindo nascer do sol
As aves se fartam na praia
Os peixes ressurgem do fundo
É o meu recomeço

Rio de Encantos

A cada dia me renovo
como as suas águas correntes
Espectador da minha ventura
Meu rio de Paraty

Seus barcos têm as cores
do arco das montanhas
e suas famintas aves negras
são os sabores das belas artes

Amanhã serei outro,
mas o seu encanto
não se reforma como o vento
que te amedronta

Morena Namoradeira

Eu caminhava pela estrada do ouro
Quando avistei um tesouro debruçado na janela
Ela exibia uma beleza encantada
Eu, maravilhado, acenava pra ela

Aproximei-me da sua morada
A sentir o encanto da esmeralda
A tocar na sua pele parda
E a comparei a um conto de fada

Sua beleza era suave de se ver
Era como o verde da pedra preciosa
E a certeza de que eu não estava a sonhar
Era o seu sorriso a me deixar enfeitiçado

Entreguei-me aos seus encantamentos
Até o momento em que o sol se pôs
E a voltar ao meu aconchego da cidade
Senti vontade de caminhar

Paraty

Em meus sonhos sonhei para ti
Um cafofo ao lado da Mata Atlântica
Aos dias fazer frases românticas
E dedicar Paraty a você

Sonhei também com a nossa eternidade
Que DEUS preparou em uma carne só
Eu não posso deixar de viver sonhando
E de acreditar no amanhecer

Está escrito talvez nas estrelas
Ou será que é em nossos corações
Que o amor correspondido
Vale muito mais que as declarações

Paraty, minha cidade formosa
Sua paisagem é maravilhosa
É a realização dos meus sonhos
Tenho você para sempre em meu coração

Paraty, Cidade dos Sonhos

Na charmosa Cidade das Letras
Assisti ao Poeta
Os seus versos declamar
Sobre as coisas lindas do mar

Eu vi a moça bonita cantar bossa na calçada
E uma anciã sobre a pedra a bater o pandeiro
Com a afinada destreza de um mestre funileiro

Comi fogaça e esfirra com cachaça
No sereno da criança madrugada

E ao me despedir daquela noite singela
Dormi colado em minha costela
Aquela matizada de bronze
E acordei a flutuar nas nuvens da pousada

Névoa de Paraty

Há uma névoa a cobrir a mata e o mar
A congelar a noite inteira a nossa sala de estar
Mas ao tocar em sua costela cálida
A sua temperatura me faz delirar

Enroscado no seu corpo a pegar fogo
Eu vou a dissipar o seu imenso calor
E os vidros embaçados ocultam as cenas
Como as dos lances quentes de cinema

E o amanhã do Portal de Paraty
A adentrar a casa seis do *C'est la Vie*
Com uma brisa que virá do litoral
Despertará a nossa vontade de amar

Névoa, a que molha a relva de Jabaquara
Diz pra ela que sempre irá voltar
Que o meu corpo precisa tanto dela
E não consegue mais se desatar

Deusa da Praia

Deusa da praia, Helena de Paraty
Uma morena de tão rara beleza eu nunca vi
Tão conforme é aquela criatura de Deus
Comparada a sublime arquitetura de Zeus

Uma moldada mulher que a todos encanta
Que faz os meus olhos diante daquele cristal
Veem o mito virar a realidade
E a sua beldade me incita a ser um imortal

Como a Fênix, a ave que canta
Que fenece e das cinzas se levanta
“Eu voaria com carinho para transportá-la
ao meu ninho de cedros no mar”

Atemporais Versos de Amor

Escrevi tantos poemas para ti
O que falava daquelas cenas de cinema
O da andorinha só da morena
E o da acrobata sereia

Risquei nas areias de Paraty
Várias estrofes da natureza
Como a que o monte se esconde
Para o céu expor sua beleza

Cantei versos de choro
Como o que o aconchego
É um bar à beira do rio
E um lugar onde me fazes chamego

Por toda vida haverá poesia
Todavia se um dia o meu mundo acabar
Permanecerá a minha grafia
Nos bares ou na beira do mar

Perfume da Pele

Deleitosa noite premeditada
Em que o perfume dela
Encruado nas ventas dele
É uma marca, é um sintoma

A nudez aumenta o odor
E o inspirado caçador
Consome a presa
Sufocado pelo faro

O tempo é pequeno
Para saciar a fome
E o veneno saboroso
Exala o cheiro perpétuo

Um aroma
Um bálsamo
Uma fragrância
Um olor

Chemise

Um vestido Chemise Azul
De cor rara em uma flor
Como traje encantador
Cobre o teu fragrante corpo

Sente-se honrado
Pela escolha de lhe caber
Subleva-se com cuidado
Para que não te desencante

O seu rebuço a enche de glamour
E a noite prenuncia que não haverá fim
Que ao voltar para o nosso aconchego
Desfilará somente para mim

Musa Ingrata

À sua espera no Aconchego
ornamentado de versos prontos,
o garçom tomba a gabriela no copo,
a companheira dos meus contos

Quero mostra-te a obra-prima
Sem formas, sem rimas
Serve-me tu um bolo solado...
e sequer se aproxima

Desprezaste o encontro,
o menu de robalos,
o Vinho do Porto
e o conto engraçado

À margem do rio Perequê-açu
perdeste o voo das garças,
os doces dos caiçaras
e na praça, o show de blues

Musa ingrata, dona da minha paixão
Morena da mata, monarca do verão

De Mãos Dadas

A canha se aproxima da destra
São as frestas da minha mão
Sendo invadidas pelos seus dedos
Vagarosamente

A minha palma sua
Ao receber a sua
E não se separam
Permanecem atadas

Por um longo tempo
Sobre o convexo da minha mão
Que seus dedos deslizem
E brote a paixão

É hora de partir
Os dedos se apartam
Sem segredos
Sem medo

Arco-íris

Há a tua presença neste lugar
Pois vejo no céu um arco
A nos fazer ponderar
Sobre o porquê do pacto

É o sol a desenhar o teu amor
Na alegria das gotas a cair
A colorir o nosso dia
A nos fazer refletir:

Sobre a tua benevolência,
A tua misericórdia
E a nossa obediência
Para que não haja discórdia

Pois é através das cores
Que os nossos olhos se encantam
É que te vejo a sorrir
Nas águas mornas de Paraty

Sem teto

A noite é serena e não há ninguém ao meu lado
O sono enfim assume o meu inconsciente
De repente!
O soar de um choro de criança me desperta
Não é um sonho e talvez seja apenas o apetite da mama
Mas que fome será?
Que não passa!
E o pranto aumenta como o de vários bebês
Poderão ser gêmeos ou quem sabe trigêmeos?
O meu sono parte e procuro entender
O porquê de todo o sofrimento inocente
Toda a minha melancolia se transforma em desespero
Em tentar entender a tragédia, o drama
O som contínuo do lamento se aproxima dos meus ouvidos
E percebo que vem do vizinho de cima
Cai a ficha então:
Não existe nada além de telhas romanas
Que protegem o meu aconchego
E cobrem a escuridão que abriga morcegos silenciosos
Estou ficando louco?
Ouço cada vez mais alaridos
Acabou!
Volta a afrisias
A luz do dia penetra pelas treliças
E me faz inspirar o vento que traz a maresia
É quando vejo:

“Uma chusma de gatos desfilando pelos telhados coloniais do Alphaville de Paraty.”

